



O PESO DA APARÊNCIA NO ENVELHECIMENTO FEMININO NO ÂMBITO DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Vanessa Nolasco Ferreira¹
Marcela Rodrigues de Castro²
Renata Silva de Carvalho³
Daniela Fantoni de Lima Alexandrino⁴
Cíntia Lúcia de Lima⁵
Maria Elisa Caputo Ferreira⁶

RESUMO

O presente trabalho se dedicou a investigar a percepção do envelhecimento feminino dentro do paradigma da Sociedade do Espetáculo. Para tanto, procedeu-se um estudo qualitativo exploratório utilizando-se da Análise de Conteúdo como metodologia para tratamento dos dados. Em um painel amostral de 47 participantes com idades entre 40 e 65 anos pertencentes a uma mesma realidade social a aparência se revelou uma categoria de destaque no tocante à questão do envelhecimento feminino, através do constructo em si e tendo como subcategorias a importância do espelho, da vaidade, das marcas proporcionadas pelo envelhecimento e do ganho de peso.

Palavras-chave: *Mulher; Corpo; Envelhecimento; Aparência*

ABSTRACT

This work was devoted to investigate the perception of female aging within the Spectacle Society paradigm. For that it was preceded a qualitative exploratory study using the Content Analysis as a tool to treat the data. In a panel sample of 47 participants who were aged between 40 and 65 years old and belonging to the same social reality appearance proved to be a prominent category on the issue of female

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Grupo de Pesquisa Processos Psicossociais e Cultura do Corpo;

² Professora de Educação Física, Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Grupo de Pesquisa Processos Psicossociais e Cultura do Corpo;

³ Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Grupo de Pesquisa Processos Psicossociais e Cultura do Corpo;

⁴ Professora de Educação Física, Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo, Mestre em Educação Física pela Universidade de Juiz de Fora;

⁵ Professora de Educação Física, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei.

⁶ Professora Adjunta da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora; Membro do Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado; Grupo de Pesquisa Processos Psicossociais e Cultura do Corpo.



aging, by the construct itself and having as subcategories the importance of the mirror, of vanity, of the brands offered by aging and weight gain.

Keywords: *Woman, Body; Aging; Appearance*

RESUMEN

Este trabajo se dedicó a investigar la percepción del envejecimiento de la mujer en el paradigma de la sociedad del mostrar. Para ello, se procedió a un estudio cualitativo exploratorio con el análisis de contenido como metodología para el procesamiento de datos. En una muestra de 47 participantes de edades comprendidas entre 40 y 65 años y pertenencia a una misma realidad social el aspecto resultó ser una categoría de importancia en la cuestión del envejecimiento femenino, a través de la propia construcción y las siguientes subcategorías: la importancia del espejo, de la vanidad, las marcas que el envejecimiento ofrece y el aumento de peso.

Palabras-Clave: *Mujer; Cuerpo; Envejecimiento; Apariencia*

Introdução:

No âmbito da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), o corpo se tornou o palco de expressão da subjetividade, carregada de signos que ao mesmo tempo são produtos e produtores da cultura. Nesse contexto, Costa (2004) propõe que os novos sintomas corporais vêm ganhando cada vez mais importância, seja pela ótica dos transtornos na percepção da imagem corporal, seja pelos abusos na exploração das sensações corporais.

Desta forma, Leder (1990) informou que a humanidade está na órbita do desaparecimento do corpo, sendo que este tem sentido de aparecimento doentio, disfuncional, de forma e funções corporais. Para o autor, o prefixo *-dis* significa desvio da norma somática ideal e este conceito se encaixa quando o que deveria permanecer silencioso e discreto se faz notar ruidosamente e, o corpo ausente se faz presença indesejável, doentia, dissonante.

Dentro de tal pano de fundo encontra-se a questão da representação do corpo feminino a qual permeia a questão da subjetividade que está atrelada à forma como cada mulher se constitui perante a cultura ao passo que o fato de não conseguir sua adequação perante o modelo de corpo imposto pela cultura interfere em sua saúde psíquica. (BORIS e CESÍDIO, 2007, p. 467)

Com tal submissão às leis da estética, por vezes disfarçada de saúde, a mulher é levada a uma despersonalização, abrindo mão de sua subjetividade a fim de se adequar a um modelo de corpo induzido, vivenciando um vazio existencial. Este fato ocorre, principalmente, quando o corpo, por razões biológicas, passa a não mais corresponder aos anseios da cultura. Nas mulheres isto ocorre quando o desequilíbrio hormonal da menopausa, acompanhado pela desvalorização estética do corpo e por toda uma sintomatologia física e psíquica sinaliza o envelhecimento inevitável e a finitude.

Assim, o envelhecimento e a decrepitude do corpo marcam categoricamente o distanciamento da exigência de eterna juventude e perfeição que permeiam a sociedade contemporânea. Nesse âmbito, procurou-se analisar a relação da mulher com a chegada deste período de suas vidas a partir da pesquisa



“Gênero, Corpo e Envelhecimento em Mulheres de Meia-Idade”, protocolado no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora sob o número 1903.247.2009 e aprovado pelo mesmo de acordo com o parecer de número 307/2009.

Metodologia:

Estruturou-se, para tanto, um estudo qualitativo exploratório na perspectiva de Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999), utilizando a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) como ferramenta para o tratamento dos dados. Almejando-se privilegiar, no trabalho, a interpretação de materiais textuais que se remetem ao conteúdo produzido a partir das entrevistas realizadas e a posterior inferência comparando-se os dados emersos da população pesquisada e o que se encontra na literatura e nos meios de divulgação científicos.

Tendo em vista a realidade social como parte determinante desta representação, o estudo foi realizado em um mesmo centro comunitário, tomando como ponto de partida a Unidade Básica de Saúde do Bairro, selecionando de forma aleatória simples o painel amostral de 50 mulheres cadastradas nessa unidade, que possuíam entre 40 e 65 anos.

Resultados:

O painel amostral foi constituído por 47 mulheres com média de 53,66 anos de idade, tendo a entrevistada mais nova 40 anos e a mais idosa 65 anos. 51,1% das mulheres entrevistadas eram casadas, 10,6% solteiras, 21,3% viúvas, 4,3% divorciadas, 8,5% separadas e 4,3% vivendo em união estável. É de destaque que as mulheres tinham, em média, 2,4 filhos e que 5 das entrevistadas declararam não ter filhos.

Ao serem questionadas sobre sua percepção do envelhecimento a aparência emergiu no estudo como uma categoria que conservava estreita relação entre corpo e envelhecimento. Algo notável foi o desdobramento das subcategorias contidas neste tópico: Espelho; Marcas do Envelhecimento; Rosto e; Ganho de Peso

Notou-se, desta forma, a aparência como um determinante importante dentro da percepção de corpo das mulheres que estão envelhecendo, até mesmo porque, dentro da realidade pesquisada, é por meio do corpo que o envelhecimento é percebido e significado, como ilustraram as passagens acima.

Discussão dos Resultados:

As mulheres que se encontram entre 40 e 65 anos, nos dias de hoje, fazem parte de uma geração permeada por mudanças, pois elas são as representantes da mulher da contracultura. Foram elas as responsáveis pelas lutas e conquistas que formaram um novo conceito de mulher ao longo dos tempos modernos: “Esposa, mãe, filha, amiga, amante, provedora e trabalhadora. A mulher contemporânea adota vários papéis” (SILVA, 2006, p. 16). Desse modo, é pertinente a investigação de como será encarado o processo de envelhecimento da mulher que viveu o *Welfare State*, no âmbito de uma cultura que, deliberadamente, nega-se a envelhecer.

Com base no que foi até então explicitado e seguindo o raciocínio de Beauvoir ([1949] 2009), é possível refletir como as construções acerca da mulher que envelhece estão ligadas a seu destino



fisiológico e o quanto são prejudiciais e lhe negam a alteridade. Para a autora, “a curva desse destino é mais abrupta, mais descontínua do que a curva do homem” (p. 757), pois os períodos de passagem refletem crises decisivas e, nesse tempo da vida da mulher, não acontece de forma diferente:

A mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida adulta (p. 757).

A autora classificou o período de início do envelhecimento como “idade perigosa”, justamente devido ao valor simbólico que reveste os acontecimentos de ordem orgânica. Exemplifica, inclusive, que as mulheres as quais não apostaram tudo em sua feminilidade sentem essa crise de maneira muito menos aguda, afirmando que: “Um dos traços mais marcados na mulher que envelhece é o sentimento de despersonalização que a faz perder todos os pontos de referência objetivos” (BEAUVOIR, [1949] 2009, p. 762). Fato apontado pelas Participantes 28 e 45:

Ah! A gente sente, na gente mesmo, que a gente está diferente, que está com alguma coisa errada com a gente, a gente mesmo nota, eu acho que é assim de repente é como se você não fosse mais mulher (Participante 28, 62 anos).

Vejo que há mudanças, nessa fase de idade, assim, mas eu procuro praticar uma atividade física para que isso também não se decai assim de repente como o que acontece com a gente que não é mais a mesma, tento para que haja um fortalecimento, um enrijecimento do corpo, para que ele não fique assim tão danificado devido ao tempo porque a gente enquanto pessoa já fica (Participante 45, 40 anos).

Esse paradigma se reflete no estudo publicado por Barros (1998), no qual discutiu que, se comparada ao processo de envelhecimento no homem, a velhice na mulher traz uma carga de mudança abrupta, além de representar o “último estágio de um *continuum* sempre ligado à esfera doméstica” (p. 114), uma vez que, mesmo que tenha uma vida considerada independente, é à esfera do lar, da família e da casa que a mulher se encontra vinculada ideologicamente.

Para Beauvoir ([1949] 2009), a mulher sente-se “mutilada” mesmo antes do período de perimenopausa ao sentir-se “obcecada pelo horror de envelhecer” (p. 748), mesmo sendo nessa época que ela atinge sua maturidade erótica. Define o que acontece da seguinte forma:

(...) enquanto assiste impotente à degradação desse objeto de carne o qual se confunde; luta, mas pintura, operações estéticas não podem senão prolongar sua juventude agonizante. Pode trapacear o espelho, mas quando se esboça o processo fatal, irreversível,



que vai destruir nela todo o edifício construído durante a puberdade, sente-se tocada pela própria fatalidade da morte (p. 758).

De acordo com a autora, é a mulher que mais se dedicou a manter-se bela, o que nos dias atuais significa acatar a cultura do não envelhecimento, quem irá sentir de maneira mais brusca as mudanças diante do espelho, ao passo que achará quem realmente é ao se deparar com a perda de seus encantos. Por conseguinte, nesse período, muitas mulheres que estão envelhecendo se voltam para o passado fazendo uma retrospectiva, capaz de ser angustiante à medida que mostra as limitações que a vida lhe infligiu. Tal raciocínio serve às mulheres que suportaram de forma passiva seu destino, tendo suas possibilidades “roubadas”, ao escorregarem da juventude para a maturidade sem terem tomado consciência disso:

A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia a intimida; procura renegá-la; exagera sua feminilidade, enfeita-se, perfuma-se, faz-se toda encanto, graça, pura imanência (BEAUVOIR, [1949] 2009, p. 760).

Apesar de ser controversa, essa citação corrobora o que foi levantado em algumas entrevistas desta pesquisa ao passo que sete participantes declararam a perda de interesse do parceiro após o período popularmente conhecido como menopausa, e as entrevistadas de número 2, 22, 23, 30, 32 e 43 relataram, veementemente, perda de apetite sexual. Em adição a esses dados, os relatos das Participantes 2 e 30 podem ser esclarecedores sobre o sentimento descrito por Beauvoir ([1949] 2009) que pode acometer a mulher:

Teve, quando eu parei de menstruar com 42 anos, é uma pergunta meio pesada, mas já que você está perguntando eu vou te responder o que eu sinto... foi isso! Eu senti falta... de todo mês ter menstruação, porque eu falei assim: meu Deus envelheci... é verdade! Eu senti uma falta no corpo muito grande sobre isso também, muita gente fala: que chatice todo mês é isso, é aquilo, mas não, eu senti falta, aí que eu falei: ai meu Deus, envelheci. (...) Aí vem a frieza também às vezes da mulher para o homem, que a mulher também já começa a desdeixar. Já não liga mais, já não sente aquele... aquele calor (risos). Porque quando acaba, você sente assim, não liga mais para o marido também não, às vezes tanta culpa não é dele é da gente também, porque com a falta disso, você se esfria em casa. (...) O marido já não liga mais pra você, já não é o que era antes, quando chega acaba isso tudo, porque eu notei uma perda muito grande (Participante 2, 50 anos).

Eu acho que marido e mulher, eu acho que é bem difícil às vezes viu, ainda mais quando o marido é sistemático e não entende o que a mulher passa quando o tempo chega aí é meio difícil, às vezes, realmente estressa, muitas vezes, estressa



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

a mulher, costuma a mulher ter até problema de depressão, por causa disso mas, fora disso, é isso mesmo que eu tenho que falar (Participante 30, 58 anos).

A chegada do envelhecimento é sentida como um momento de transição, classificado por muitos como uma época de crise: há perda de muitos dos sentidos reais, tornando as mulheres acessíveis a sugestões. Beauvoir ([1949] 2009) cita como exemplo a religiosidade: “as vagas ideias de destino, de segredo, de personalidade incompreendida, que a mulher acaricia à beira de seu outono, encontram na religião uma unidade racional” (p. 763). Essa atitude aparece no discurso de 24 participantes, em que são destacados os seguintes relatos:

Ah! Porque é importante, a vida é muito importante porque é coisa de Deus, eu acho, eu gosto de viver, eu sou feliz, eu me sinto feliz em viver, acordar cada dia e fazer minhas obrigações e ter contato com outras pessoas, entendeu? Eu sou feliz assim, de cuidar dos meus filhos, de cuidar do meu lar, da minha casa, sou feliz porque aprendi com o tempo a confiar em Deus (Participante 6, 54 anos).

Ah! Eu aceito o envelhecimento porque é uma coisa de Deus, eu não posso, não posso ir contra a natureza que Deus fez, então o homem nasce, cresce e depois ele envelhece e morre. Eu aceito isso como filosofia de Deus (Participante 42, 58 anos).

Ávida por uma verdade definitiva, essa mulher se apega a argumentos que acredita que lhe são especialmente destinados; isso ocorre não somente ante a religiosidade, mas também diante da tendência atual de culto ao corpo e à eterna juventude, a qual foi apontada por Goldenberg (2007) em seu estudo “Corpo e envelhecimento na cultura brasileira: o marido como capital”. Nesse texto, esclareceu que existem, nas camadas médias urbanas brasileiras, dois valores que distanciam a mulher de toda sua alteridade: o corpo e o marido. Valores aos quais grande parte das mulheres que estão envelhecendo encontram-se atreladas e que não permitem com que elas conquistem sua independência no outono de suas vidas como asseverou Beauvoir ([1949] 2009):

A partir do dia em que a mulher consente em envelhecer, sua situação muda. Até então era uma mulher ainda jovem, encarniçada em lutar contra um mal que misteriosamente a enfeiava e deformava. Ela torna-se um ser diferente assexuado, mas acabado: uma mulher de idade. Pode-se considerar então que a crise da menopausa terminou. Mas não se deve concluir disso que lhe será fácil viver doravante. Quando renunciou a lutar contra a fatalidade do tempo, outra luta se inicia: é preciso que se conserve um lugar na Terra (p. 778).



Sendo assim, é possível inferir que o envelhecimento torna-se ainda mais penoso para a mulher, que renega abdicar-se, pelo menos em parte, de sua porção feminina do capital, o qual não detém mais porque, mesmo que lute contra os efeitos inexoráveis do tempo, eles, em algum momento, vão aparecer. Com isso, não se liberta da angústia do futuro, não conquista sua liberdade, sua independência, conserva apenas a direção da casa (Beauvoir, [1949] 2009), o único capital que consegue conservar. Esse fato, como já apontado no tópico sobre gênero, mostrou-se marcante na população pesquisada.

Conforme Goldenberg (2007):

(...) o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para se manterem jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento. Elas constroem seus discursos enfatizando a falta que sentem e não suas conquistas objetivas (p. 35).

Na perspectiva de discussão do envelhecimento feminino, Sanchez e Roel (2001) defenderam que as mudanças sociais têm influenciado diretamente nesse aspecto. Nesse sentido, Mori e Coelho (2004) acrescentaram: a mulher que envelhece hoje (a da contracultura), por ter deixado de lado seu papel de passividade, tem mais contato com seus desejos e, com isso, o envelhecimento passou a ser uma época de realização e desejos postergados. As autoras acrescentaram que “Essas mulheres ocupam-se de si mesmas e saem do lugar de resignação que até então lhes era imposto” (p. 178).

Dessa forma, cabe elucidar com Del Priore (2000) que as mudanças corporais, geneticamente programadas, causam impacto na autoimagem feminina e podem ocasionar conflitos psíquicos, sobretudo se se levar em consideração o que a sociedade espera da mulher, de quem, nos dias atuais, cobra-se que dê conta tanto de ser independente, quanto de desempenhar os papéis ditos femininos, como foi discutido anteriormente com Beauvoir ([1949] 2009), além da exigência de manter-se sempre jovem. Assim, nas sociedades ocidentais, a história das mulheres é perpassada pela tríade da perfeição física – juventude, beleza e saúde – que traz cada vez mais consequências psicológicas na confrontação com o processo de envelhecimento.

Esse fato mostrou-se, na pesquisa, explicitado pela questão emersa da categoria aparência, dominante nas entrevistas, como exemplificam as seguintes subcategorias contidas neste tópico: Espelho (citado por 14 entrevistadas); Marcas do Envelhecimento (presente em 19 depoimentos); na Vaidade (ressaltada por 14 participantes); Rosto (destacado por 5 entrevistadas); Ganho de Peso (citada por 21 pessoas). A seguir, são citados trechos que apontam, respectivamente, tais indicadores:

Mas a questão, o que me leva a essa percepção do envelhecimento, são as pessoas ao meu redor que parecem a todo tempo está botando, olha: você está ficando velha, olha isso não é pra você, olha, sabe, e aí acontece que muitas vezes eu mesma me pego me censurando, já aconteceu de eu chegar numa loja, gostar de uma determinada roupa e pedir a opinião, não foi uma vez só não, pedi a opinião da vendedora que é uma moça jovem, você não acha que eu estou muito velha pra usar essa roupa não? Sabe, então, assim, eu acho que essa percepção vem principalmente do outro, da sociedade, desse culto da beleza (Participante 1, 51 anos).



Ah! A gente ainda mais agora na menopausa, agora que na terceira idade, (...) a gente fica olhando o corpo assim, quando toma um banho, que está ali para vestir uma roupa, a gente olha, está vendo que o negócio está ficando feio (risos) (...) com o passar do tempo, vai ficando flácida, a gente fica cheia de rugas, cheia de problema, a gente fica (...) Ah! Como que eu sinto... Ah! Alegre assim não, eu fico (Participante 24, 61 anos).

Eu gosto de cuidar, eu gosto de cuidar é do corpo. Eu gosto de cuidar do meu cabelo, cortar, pintar, fazer unha, gosto de fazer caminhada para eu não ficar muito gorda, porque eu já estou meio gorda, então tudo isso faz parte, de vez em quando, eu gosto de dançar, pra emagrecer um pouco assim, pra eu ficar mais *tchan* (risos), e pronto (...). Gosto de pôr minha calça cumprida, minhas blusinhas bonitinhas, assim vestir mais, parecida mais com jovem, não tão assim senhora, não estou falando que eu vou pôr uma roupa decotada, isso eu não ponho (Participante 36, 65 anos).

Cada vez mais essas consequências, psicologicamente conflituosas, do envelhecimento para a mulher refletem os valores característicos da “pós-modernidade” ocidental na sociedade brasileira. Há, portanto, a valorização do consumo desenfreado de bens e até mesmo de relações, significando que deixar de produzir se liga a deixar de existir, fazendo do processo de envelhecimento algo pejorativo. Sendo assim, a posição da “mulher mais velha” é mais desqualificada do que a do homem (MORI e COELHO, 2004).

Esse fato reflete a valorização da juventude. As mulheres tornam-se fragilizadas com a menopausa, que enfraquece e envelhece o corpo, mostrando a questão da finitude presente nelas. Nesse contexto, Goldfarb (1998) fez uma referência à estranheza da mulher que envelhece diante do espelho, período que anuncia esse processo do ponto de vista estético, fato que fica bastante explícito no seguinte trecho:

Eu estou com 54 anos, às vezes, eu me olho no espelho, porque a gente também para além do corpo que não corresponde tem as coisas da vida, eu já estou me sentindo já velha, horrorosa e eu acho que é aquela velhice precoce, eu estou envelhecendo antes do tempo. Eu acho que com 54 anos e a mente que eu tenho não era pra eu já estar desajeitada do jeito que eu estou e eu sinto assim. (...) por exemplo, a gente no peso que eu estou e da forma que estou velha, a gente fica desajeitada pra vestir uma roupa, a gente almeja vestir uma roupa, mas com o corpo que a gente tem, já não pede aquela roupa, porque a idade pesa. Eu estou com 54 anos eu não vou usar uma roupa... Ah! Não vou usar aquela roupa não porque eu já estou velha, porque eu não estou velha não, na minha mente eu não estou velha, esta na idade, e outra, eu já estou me sentindo assim a aparentemente já envelhecida está entendendo? Então eu queria ser uma pessoa mais magra e com menos marcas porque eu ia me rejuvenescer mais ainda (Participante 16, 54 anos).



Com isso, discutir o envelhecimento, tomando como base as pessoas que atualmente encontram-se no período da meia-idade, é levantar a hipótese de como as pessoas pertencentes à geração da contracultura irão encarar o envelhecimento, uma vez que há possibilidade de reconfiguração de etapas como a aposentadoria, as formas de gestão da velhice e do discurso gerontológico por essa geração.

Os “*baby boomers*” (DEBERT, 2004, p. 239) que agora estão na meia-idade possuem posições centrais nas mais representativas esferas da produção cultural e científica ligada à terceira idade. Logo, essa geração pensada como feliz por ser beneficiada pelo *Welfare State*, pela expansão educacional e pela entrada no mercado de trabalho em uma época de amplo emprego, sendo ainda reconhecida pela primazia da exposição à cultura globalizada de consumo em massa, carrega consigo a marca da Sociedade do Espetáculo, da cultura do narcisismo, da tirania da intimidade e da estetização da vida, marcas estas que dificultam o reconhecimento de um processo irreversível e inexorável como o envelhecimento e ainda faz com que cada vez mais as tentativas de negação e ludibriamento desse se tornem mais comuns.

Tal geração é representada, no Brasil, como a que possui “maior disponibilidade de renda, sendo sem dúvida, a maior produtora, consumidora e divulgadora de tecnologias de rejuvenescimento, do processo de reprivatização da velhice, da transformação do prolongamento da vida humana em uma ameaça à reprodução da vida social” (DEBERT, 2004, p. 241). E, por toda conjunção de fatos é a mais esperada a chegar à velhice, pois tem todo o pano de fundo para construir uma realidade distinta e corroborar ou não as opiniões dos *experts*, até então aqui explicitadas, sobre o processo de transição para o envelhecimento que constitui a meia-idade:

Não tenho dúvidas de que é preciso engajar um olhar antropológico no modo pelo qual essa coorte na meia-idade, e ocupando posições de poder, reinventará o envelhecimento. É preciso, também, politizar o debate nesse campo que, ao refazer os períodos em que a vida se desdobra, está divulgando novas formas de gerir o tempo, o trabalho, o lazer, o corpo, a solidariedade entre gerações na família, enfim este é um campo oportuno para a reflexão sobre a questão clássica do vínculo social (DEBERT, 2004, p. 241-242).

Com isso, as pesquisas que até hoje se dedicavam, em sua extensa maioria, a compreender o envelhecimento e as novidades com as quais os mais velhos se defrontavam passam a se esvaziar e a pedir um novo contorno. Isso ocorre porque, atualmente, como colocou Debert (2004), o corpo é concebido como pura plasticidade, fazendo que seja necessário pesquisar sobre os processos de incorporação, ultrapassando o estudo das representações sobre o corpo ou “do corpo como um espetáculo passivo do poder” (p. 251).

Nesse âmbito sócio-histórico instável, o corpo passa a ser um meio de expressão e representação do eu, chegando a ser considerado por seus “proprietários” como um projeto e um investimento. Assim, surge o corpo glorificado, com ênfase na exibição pública, que, aparentemente, traz consigo um afrouxamento da moral. Essa aparente liberação, contudo, traz a mesma prisão dos corpos cobertos até o pescoço dos séculos anteriores, uma vez que, para serem mostrados, os corpos precisam ser esteticamente perfeitos. Mas, será que essa perfeição é possível?



A aparente liberação dos corpos, sugerida por sua atual onipresença na publicidade, na mídia e nas interações cotidianas, tem por trás um “processo civilizador”, que se empreende e se legitima por meio dela. Devido a mais nova moral, a da “boa forma”, a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas controle de suas pulsões, mas também o (auto)controle de sua aparência física (GOLDENBERG e RAMOS, 2002, p. 25).

Assim, vive-se o primado da exposição corporal estética, em que a forma ideal deve ser atingida a qualquer preço, mesmo que o que se almeja não seja mais compatível com a condição que cada sujeito se apresenta. Dessa forma, a estética assume formas de saúde, a fim de civilizar as pessoas a quererem parecer sempre jovens. E a aparência que até alguns anos atrás era apontada como algo que preocupava a classe média e as classes altas passa a estar na ordem do dia de comunidades menos favorecidas, tal como a amostra pesquisada, o que pode ser comprovado pelos dados que emergiram das categorias ligadas à aparência a partir das entrevistas.

A sociedade contemporânea coloca como seu maior valor a saúde e este deve ser o padrão atingido por todos. Com isso, Bauman (2001) explicou que “a sociedade dos consumidores acena aos seus com o ideal da aptidão (*fitness*)” (p. 91). A partir das considerações apresentadas, a saúde passa a ser vista como o corpo perfeito, uma vez que ambos se referem ao manejo do corpo. Tal paradigma, contudo, é um erro, pois saúde e aptidão pertencem a dois discursos muito diferentes e apelam para preocupações muito diferentes.

A saúde é conceituada por esse filósofo como um estado próprio e desejado do corpo e do espírito humanos que, pelo menos em princípio, pode ser mais ou menos descrito e também precisamente medido (BAUMAN, 2001). Refere-se, assim, a uma condição corporal e psíquica que permite a satisfação das demandas do papel socialmente designado e atribuído. Em termos foucaultianos, ser saudável significa ser passível de poder ser empregado, podendo contribuir para a produção com um bom desempenho. Já a aptidão difere-se da saúde por ser um conceito bastante lábil, uma vez que depende do potencial de expansão das capacidades de cada um. Essa se refere a “estar pronto a enfrentar o não usual, o não rotineiro, o extraordinário – e acima de tudo o novo e o surpreendente.” (p. 92).

O referido autor acredita que, se a saúde diz respeito a seguir as normas, a aptidão diz respeito a quebrar todas as normas e superar todos os padrões. Assim, a aptidão é algo subjetivo e desprovido de um fim natural, sendo a satisfação de objetivos desta uma forma momentânea de se atingir prazer. Desse modo, não há espaço para descanso em que toda celebração de sucesso momentâneo requer um intervalo entre rodadas de trabalho. Por conseguinte, as pessoas que carregam consigo aptidão trazem consigo o sentimento de nunca estarem aptos e a certeza da necessidade de continuar tentando.

O autor esclarece que a saúde deveria estar livre dessa ansiedade insaciável, justamente por tratar de algo claro e com a finalidade de alcançar um estado saudável e protegê-lo. Todavia, percebe-se que inclusive a norma da saúde teve seu *status* severamente abalado devido ao paradigma de sociedade que proporciona infinitas e indefinidas possibilidades. Nesse contexto, o cuidado com a saúde torna-se cada vez mais semelhante à busca de aptidão: “contínuo, fadado à insatisfação permanente, incerto quanto à adequação de sua direção atual e gerando muita ansiedade” (BAUMAN, 2001, p. 94).

Dentro desse âmbito sociocultural, a velhice é vista como uma forma de não mais partilhar com os ideais da cultura, fazendo insurgir um grande impasse para aqueles que se encontram diante da



contemporaneidade ao passo que nada mais paradoxal para alguém que passa a ser considerado velho do que o discurso capitalista vigente aliado ao saber científico que este fomenta.

Importa ressaltar que diversas regras e manuais de como envelhecer são criados. Também nunca se pesquisou tanto sobre o (não) envelhecimento, ao mesmo tempo em que o velho é banido da cultura, negado, levado a acreditar que ele tem de parecer novo, fato que leva a pesquisadora a citar a visão de Goldenberg (2008) de que “o corpo, no Brasil, é um verdadeiro capital” (p. 27). Capital este bastante apontado e estudado ao passo que “Em uma cultura, como a brasileira, em que o corpo é um capital, o envelhecimento parece ser vivido como um momento de grandes perdas” (p. 37).

Surge, portanto, o que a cultura atual chama de novo, mas que traduz, na verdade, numa eterna repetição utópica, na medida em que exige de seus componentes não envelhecer. Com isso, vem o desamparo porque, sem atingir os padrões culturais de beleza, agilidade e juventude e ainda fora do imperativo do novo, obsoleto diante da fluidez da cultura, o dito envelhecido é deixado de lado, ridicularizado por mostrar que não é possível globalizar-se sempre.

É nesse contexto que se encontra a questão da representação do corpo feminino atrelada ao modo como cada um constitui sua subjetividade diante da cultura, uma vez que, por não conseguir sua adequação perante o modelo de corpo imposto, haverá consequências diretas em sua vida psíquica (BORIS e CESÍDIO, 2007).

Tal submissão às leis da estética, por vezes disfarçada de saúde, leva à despersonalização da mulher, que abre mão de sua subjetividade para se adequar a um modelo de corpo induzido, vivenciando um vazio existencial. Esse fato ocorre, principalmente, quando o corpo, por razões biológicas, passa a não mais corresponder aos anseios da cultura. Nas mulheres, isso ocorre com a chegada da meia-idade, ou seja, quando o desequilíbrio hormonal da menopausa, acompanhado pela desvalorização estética do corpo e por toda uma sintomatologia física e psíquica sinaliza o envelhecimento inevitável e a finitude.

Para Mori e Coelho (2004), a compreensão do fenômeno do envelhecimento feminino engloba, acima de tudo, aspectos socioculturais, uma vez que envelhecer significa distanciar-se da exigência de corpo perfeito, a qual valoriza beleza e saúde.

Nesse âmbito, o corpo de muitas mulheres de hoje é controlado e mutilado, e o sofrimento imprimido pela “imperfeição do corpo” necessita ser pensado criticamente, a fim de que “as mulheres lutem pela mais básica das liberdades: a de imaginar o próprio futuro e de ter orgulho da própria vida, demonstrar sua lealdade para com sua idade, seu corpo, sua pessoa e sua história” (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

Considerações finais:

Cabe, portanto, neste momento, refletir sobre a importância da aparência na sociedade contemporânea, uma vez que essa possui um papel central na forma como o parecer desejado pela sociedade é construído. Tal papel se deve à condição de item indispensável na construção e reprodução do que é socialmente tido como feio ou bonito, velho ou novo. Isso ocorre porque não é possível apontar onde fica declarado abertamente a feiúra da velhice ou a beleza da juventude, mas sim reproduzido, de forma muito ambivalente, no desejo para que o espelho mostre o que socialmente se deseja ver.

Dessa forma, o que emerge através do espelho da aparência é reflexo do que é socialmente construído como vergonhoso, mas apresenta-se como um destino inexorável de qualquer ser humano.



Assim, à medida que a juvenilização se torna dominante nas imagens da sociedade (corpo forte, esteticamente belo, potente e realizador) a ilusão de ver no espelho o que socialmente se deseja ver aumenta e o sagrado cresce aos olhos das pessoas que envelhecem de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo da sacralização. Com essa interpretação decresce a verdade, de um corpo cuja aparência e funcionalidade já não poderão ser as mesmas dos tempos de juventude e que fazem parte do cotidiano de qualquer um. Essas imagens fundem-se num curso comum da vida, onde o que era diretamente vivido se esvai na fumaça de uma representação, de uma ilusão.

Referências:

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, M. M. L. de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In - BARROS, M. M. L (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 113-168.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORIS, G. D. J. B. E.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza 7 (2), 451-478. set 2007.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEBERT, G.G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP, 2004.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac. (Série Ponto Futuro), 2000a

GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004

GOLDENBERG, M. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In GOLDENBERG, M. (org). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19 - 33

GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LEDER, D. *The absent body*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Apr. 2011. doi: 10.1590/S0102-79722004000200006

SÁNCHEZ, M. & ROEL, I. (2001). El proceso de envejecimiento en la mujer. *Revista Tiempo: El portal de la Psicogerontología*, 8. Disponível em: <<http://www.psicomundo.com/tiempo/>>. Acessado em: 30/12/2005.

SILVA, R. B. R. *A mulher de 40 anos: sua sexualidade e seus afetos*. Belo Horizonte: Gutenberg, 2006.

Contato:

vnolascoferreira@gmail.com

Recurso Tecnológico para Apresentação Oral:

Computador;

Projektor para Data Show